

O QUE É “VERDADE”?¹

Milena Thaís Röhler²

¹ Trabalho de pesquisa desenvolvido na Unijuí, durante a disciplina de Paradigmas do Conhecimento no Departamento de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, ministrada pelos professores doutores José Pedro Bonfleuer e Paulo Evaldo Fensterseifer.

² Licenciada em Pedagogia pela SETREM (Sociedade Educacional Três de Maio) e Mestranda em Educação nas Ciências (Bolsista Capes) na UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Questionamentos “vão e vêm” o tempo todo. Perguntas são feitas a todo instante. Perguntas movem o mundo, criticidade faz parte do dia a dia. É uma questão cultural, historicamente construída e passada de geração para geração, de sociedades para sociedades, de pessoas para pessoas.

Há quem diga “*se você não perguntar, você nunca vai saber*”, e é “verdade”. Pois se algo lhe atrai, lhe desperta um desejo, uma vontade, uma inquietação, uma curiosidade e não vamos em busca de respostas, de soluções, fazemos com que essa “inquietação” venha a amornar, até que “esfrie” por completo.

Nesse sentido busca-se com esse trabalho tentar responder o seguinte questionamento: “*O que é verdade?*”, sob a ótica de filósofos e estudiosos como Platão, Badiou e Fensterseifer.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho consiste em estudo bibliográfico, qualitativo e empírico dos itens citados nas referências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A “verdade” intriga. Intriga pelo fato de “verdade” não ser “verdade”, não saber o que é “verdade”; “a minha verdade” pode ser a “sua mentira”. Nesse sentido, cabe uma reflexão. *Alguém* disse uma vez, que uma “verdade” é uma mentira muito bem contada; contada de tal forma que todos acreditam nela e que de tanto repeti-la, até a própria pessoa

que contou vem a acreditar.

Refletindo que, se uma “verdade” é uma mentira bem contada, tudo se torna questionável a respeito disso. Não se pode pensar em alguma coisa ou acreditar em algo sem uma certa desconfiança. Assim, se torna importante lembrar que a verdade, segundo o paradigma ontológico, é vista como algo já pronto, algo já posto, assim como o mundo, ele é o que ele é, ele já existe, basta apenas inserir o sujeito nele. Ou seja, a verdade pode ser pensada como já determinada, tudo que existe (ou existiu) por primeiro é o “modelo de verdade”, basta apenas acreditar.

Se a verdade for pensada partindo de outra perspectiva, do paradigma da subjetividade (conforme comentado no decorrer do texto) percebe-se novamente que a verdade se “ajusta” conforme cada sujeito. Dessa forma é possível dizer que a verdade é o que cada sujeito “afirma ser verdade”, pois nesse paradigma o que vale é a representação mental dos objetos, das pessoas.

Agora, se a verdade é pensada partindo do paradigma da comunicação, vê-se um contraponto (em relação aos outros momentos paradigmáticos) presente de forma muito relevante. A verdade aqui, pode ser vista como algo que está em reconstrução (conforme exposto em sequência), estabelecendo relações, dialogando, criticando, debatendo, questionando. Ou seja, o que antes era tido como verdade absoluta por ser uma construção histórica, agora é passível de dúvida (o termo “dúvida” aqui utilizado refere-se ao questionamento, que busca um entendimento, uma compreensão).

Nesse sentido é possível fazer a conexão do que é “verdade” com o *Mito da Caverna de Platão*. Através do estudo da *Alegoria da Caverna* é possível perceber que se deve suspeitar do que se vê, ou seja, suspeitar das aparências. Pois o que vemos, não é realmente o que vemos, é um reflexo, uma sombra. A “verdadeira” questão, a real face do que vemos está sendo projetada “atrás de um muro”, e cabe a nós descobrirmos o que há por trás do muro, o que está acontecendo realmente.

Assim, evidencia-se a busca pela “verdade” no *Mito da Caverna* (A República, p. 291) quando Platão afirma que:

“- Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla

é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a idéia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos.”

A “verdade” pode ser relacionada dessa forma há uma “aparência”, onde se deve desconfiar do que se vê, do que se ouve e até do que se fala. Porque tudo é questionável e está transformando-se. Assim, buscar “*o que há por trás do muro*”, conforme mencionado anteriormente, pode significar estar sempre em “busca da verdade”, pois se eu questiono tudo que está a minha frente como sendo algo duvidoso, estou em busca de algo seguro, correto, ou seja, estou em busca de algo “verdadeiro”.

Ressaltando aqui o pensar de Badiou (1988) que em seu livro *O ser e o acontecimento*, citado no artigo *Por uma nova definição de verdade* (2015) destaca que as “verdades” são multiplicidades. Ou seja, são decorrentes de múltiplos acontecimentos, de várias situações que vem a provocar uma desordem, uma desorganização nas pessoas. São novas situações, novos acontecimentos, que fazem com que as pessoas se desestruturam, saem de sua zona de conforto. São circunstâncias que ocorrem, inesperadas, e que não são ditas, apenas acontecem.

Dessa forma, conceber que “verdades” são multiplicidades e que multiplicidades são variedades, abundâncias de eventos. Estes que na maioria das vezes fazem questionamentos, críticas, contrapontos para com as “verdades” estabelecidas pela sociedade, cultura e política.

Conceber “verdades” como multiplicidades, implica em buscar “a real verdade das coisas”, não simplesmente aceitar algo que alguém impõe, que diz ser verdade ou algo que já exista. Ou seja, compreender esse processo de conhecer o conhecimento, entender a realidade, procurar a “verdadeira verdade” é assumir-se antidogmático, é ir contra o dogmatismo, é questionar ideologias e verdades tidas como absolutas, que não permitem crítica, questionamento e possibilidade de contradição, discussão.

Assim, é importante pensar sobre o antidogmatismo relacionando-o à “verdade” na educação. Onde percebe-se que nós professores acabamos ensinando muitas “verdades” sem compreender como elas foram construídas. Porém, é importante ter a consciência de que muitos conteúdos e conhecimentos devem ser repassados sim aos alunos, e que a partir deles

discussões e debates podem e devem ser realizados, pois assim estaremos contemplando “as verdades” (os conteúdos, as disciplinas, as matérias) propostas pelos sistemas de ensino e também estaremos colocando a dúvida e a criticidade dos estudantes em ação.

Nesse sentido, Fensterseifer (2010/2011, p.100) afirma que:

“Esta atividade reflexiva em relação ao conhecimento produz um efeito antidogmático em torno das “verdades” que produzimos e ensinamos. Efeito contrário ao produzido por uma noção de epistemologia que zela por um imperturbável modelo de cientificidade forjadora de verdades definitivas diante das quais nos prostramos e que, muito provavelmente, assim serão ensinadas. Afinal, os professores não abrem mão de suas verdades se não compreendem o caráter de “construção” (sócio-histórico) dessas verdades. Ensiná-las não constitui um problema, o problema são as ilusões que as acompanham.”

Ou seja, pensar as “verdades” no sentido antidogmático, não precisa ser necessariamente relacionado à educação, pode ser (e é) relacionado à vida no geral. O antidogmatismo está presente no dia a dia, desde o combate à crenças e mitos em relação à amamentação, vacinas, criação dos filhos etc e ao estabelecimento e/ou imposição de leis e regimentos. Lutar contra o dogmatismo significa criticar, questionar, buscar a liberdade.

Pensar sobre as “verdades”, impõe atualmente, também pensar nas pessoas (nos sujeitos, nas subjetividades) já que estas são as “fabricadoras” (ou não) de “verdades”, e cabe também pensar que os seres fazem parte de um todo, do mundo. Dessa forma Badiou (2015, p.171) discorre que

Uma verdade, do ponto de vista humano, do ponto de vista antropológico, é composta por incorporações individuais nos mais vastos conjuntos. Eu gostaria, portanto, de saber como se apresentam o mundo e os indivíduos do mundo, como eles são dispostos, quando passamos a examiná-los no interior dos próprios processos das verdades. É uma questão que inverte de alguma maneira a perspectiva dos dois primeiros volumes. Perguntava-se o que eram as verdades do ponto de vista do ser e do ponto de vista do mundo, pergunta-se agora o que são o ser e o mundo do ponto de vista das verdades. Logo, nós nos encontramos diante de problemas de escala: as verdades, como o ser, são, em essência, infinitas, já os corpos, tal qual aparecem nos mundos, parecem irremediavelmente marcados de finitude.

Dessa forma, é possível deduzir que para conhecer as “verdades” é preciso conhecer o mundo e as pessoas que o fazem, mas também, para conhecer os sujeitos e o mundo, antes é preciso conhecer as suas “verdades”. Condizente a isso Badiou (2015) afirma que há problemas nessa relação: verdades - indivíduos - mundo. Pois as “verdades” são infinitas, ilimitadas, cada ser, conforme suas concepções e modos de vida contempla fatos e ações que

considera como as suas “verdades”, isto é, é impossível conhecer todas as verdades existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, para as “verdades” existirem, é necessário que continue existindo o mundo, as pessoas (os produtores de “verdades”). É complicado pensar sobre o mundo, as verdades, as finitudes e infinitudes, porém para saber, conhecer, compreender é necessário pensar sobre as coisas, é preciso refletir.

Por fim, cabe dizer, em decorrência do que foi exposto anteriormente, da reflexão realizada, que verdades são multiplicidades, são infinitas e que cada ser é dono e produtor de suas próprias verdades baseadas em sua cultura, modos de vida e pensar, o que implica em não conhecimento de TODAS as verdades que existem no planeta. E também conclui-se que o mundo é um produtor de verdades, que não necessariamente deve seguir princípios dogmáticos, as verdades consistem em variedades, que só são possíveis graças ao antidogmatismo, graças à luta pela liberdade.

Palavras-chave: Verdades. Dogmatismo. Multiplicidades. Sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIOU, Alain. **Por uma nova definição da verdade.** *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XVIII n. 2 jul/dez 2015 169-180.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Educação Física: atividade epistemológica e objetivismo.** *Filosofia e Educação* (Online), ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia Volume 2, Número 2, Outubro de 2010 – Março de 2011.

PLATÃO, **O Mito da Caverna** - Extraído de "A República" de Platão . 6º ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291.